

# LINGUÍSTICA POPULAR, SOCIOTERMINOLOGIA, AUTORIDADE: O CASO DOS FÓRUNS DE ENERGIA RENOVÁVEL

## POPULAR LINGUISTICS, SOCIOTERMINOLOGY, AUTHORITY: THE CASE OF RENEWABLE ENERGY FORUMS

Stefano VICARI<sup>1</sup>

Tradução de Livia Maria Falconi Pires<sup>2</sup> e Pâmela da Silva Rosin<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste presente trabalho, proponho mostrar o interesse de integrar a perspectiva da Linguística Folk (NIEDZSIELSKI; PRESTON, 2000) ou Linguística Popular (ACHARD-BAYLE; PAVEAU, 2008) no quadro dos estudos socioterminológicos (GAUNDIN, 1999), a partir, especialmente, das noções de confiança e autoridade. Para tal, escolhi o campo da terminologia das energias renováveis tal como ela circula em fóruns da internet. Analisarei as estratégias criadas pelos dispositivos do fórum e desenvolvidas pelos usuários para construir um discurso legítimo e digno de confiança sobre o qual se fundamenta a negociação, a aceitação e a apropriação dos termos da especialidade nestes dispositivos. De fato, os fóruns mostram tanto a existência de estratégias de legitimação de fontes convocadas pelos usuários ao longo dos debates, quanto as hierarquias dos locutores que podem discutir questões mais ou menos técnicas.

**Palavras-chave:** Linguística Popular. Socioterminologia. Energias Renováveis. Autoridade. Confiança.

---

1 Docente da UniGe – Università degli Studi di Genova. E-mail: stefano.vicari@unige.it

2 Docente da UNICEP – Centro Universitário Central Paulista. E-mail: liviampires@yahoo.com.br.

3 Docente no Estácio – Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto. E-mail: pamelasilvarosin@gmail.com

**Abstract:** In this paper, I propose to show the interest in integrating the perspective of Folk Linguistics (NIEDZSIELSKI; PRESTON, 2000) or Popular Linguistics (ACHARD-BAYLE; PAVEAU, 2008) in the framework of socioterminological studies (GAUNDIN, 1999), starting, especially, from the notions of trust and authority. To this end, I have chosen the field of renewable energy terminology as it is broadcasted in Internet forums. I will analyze the strategies created by forum devices and developed by users to build a legitimate and trustworthy discourse on which the negotiation, acceptance, and appropriation of the specialty terms in these devices is based. In fact, the forums show both the existence of source legitimation strategies summoned by users throughout the debates and the hierarchies of the speakers who may discuss more or less technical issues.

**Keywords:** Folk Linguistics. Socioterminology. Renewable energies. Authority. Trust.

Nesta contribuição<sup>4</sup>, proponho mostrar o interesse de integrar a perspectiva da Linguística Folk (NIEDZSIELSKI; PRESTON, 2000) ou da Linguística Popular (ACHARD-BAYLE; PAVEAU, 2008) no quadro dos estudos socioterminológicos (GAUNDIN, 1999), a partir, especialmente, das noções de confiança e autoridade. Para tal, escolhi um campo em que já trabalhei há alguns anos após a minha tese de doutorado, ou seja, a terminologia das energias renováveis tal como ela circula em fóruns da internet.

Na primeira parte, explicarei a minha abordagem teórica e metodológica a fim de mostrar a centralidade da noção de autoridade e, portanto, de confiança epistêmica nos estudos da Linguística Popular, e em seguida, debruçar-me-ei sobre as discussões metaterminológicas que surgiram nestes fóruns. Particularmente, analisarei as estratégias criadas pelos dispositivos do fórum e desenvolvidas pelos usuários para construir um discurso legítimo e digno de confiança sobre o qual se fundamenta a negociação, a aceitação e a apropriação dos termos da especialidade nestes dispositivos. De fato, longe de constituírem lugares onde toda opinião e todo locutor se equivalem, os fóruns mostram tanto a existência de estratégias de legitimação de fontes convocadas pelos usuários ao longo dos debates quanto as hierarquias dos locutores que podem discutir sobre questões mais ou menos técnicas.

## 1. Linguística Popular, confiança, autoridade

A Linguística Folk (NIEDZSIELSKI; PRESTON, 2000) ou a Linguística Popular (ACHARD-BAYLE; PAVEAU, 2008) pode ser definida como

[o estudo do] saber espontâneo dos atores sobre o mundo (depositado em provérbios ou ditados, por exemplo), que se distingue do saber erudito ou científico como o *know-how* se distingue do “saber que” e os sentidos comuns do saber científico. Esse saber espontâneo é constituído de conhecimentos

---

4 Texto original

empíricos, não suscetíveis à verificação lógica (o saber espontâneo não é nem verdadeiro nem falso, fala-se então do “saber aproximado”) e de crenças que constituem guias para ação: as lendas urbanas ou as influências da lua sobre o crescimento das plantas são as crenças no âmbito do saber espontâneo. (ACHARD-BAYLE; PAVEAU, 2008, p. 5-6)<sup>5</sup>.

Coloca-se como objetivo analisar “o conjunto de declarações que podem ser qualificadas como práticas linguísticas profanas (isto é, que não provêm de representantes da Linguística como disciplina estabelecida, os ‘não linguistas’ como N. Niedzielski e D. Preston os chamam), designando, avaliando ou referindo-se aos fenômenos languageiros” (ACHARD-BAYLE; PAVEAU, 2008, p. 8). Por esses objetivos, a Linguística Folk insere-se assim no quadro mais geral do estudo do folclore de uma comunidade e, particular, da construção e da circulação dos saberes e dos conhecimentos através dos discursos ditos do senso comum no interior do tecido social, que se insere no quadro mais geral do domínio da epistemologia social.

De fato, a epistemologia social enquanto “estudo do conhecimento que sublinha as suas dimensões sociais” (GOLDMAN, 2004, p. 144) ocupa um lugar privilegiado nas práticas de aquisição do conhecimento (ORIGGI, 2004, p. 169) e, em particular, tenta compreender as condições em que os locutores adquirem os saberes e os conhecimentos pelo intermédio de outrem. Compreende-se, pois, bem o interesse de recorrer às noções de confiança e de autoridade neste tipo de análise, de tal modo que “questões-chave relevantes para o folclore [...] são: quem tem a autoridade, num dado arranjo social, de descontextualizar e recontextualizar (por exemplo, para fazer) um dado texto? Quem decide se o desempenho é legítimo, autoritativo ou “bom”? (HAMER, 2008). Quais discursos são, então, legitimados e, portanto, entram no senso comum? Quem detém esses discursos? A partir de que posturas?

A fim de responder a essas questões, é, pois, desejável recorrer à noção de confiança que deve ser entendida como “um estado cognitivo e motivacional complexo, uma mistura de racionalidade, de sentimentos e de compromissos sobre uma relação com os outros” (ORIGGI, 2008, p. 13) que se constrói através de “um espaço de discurso permitindo a criação de uma nova forma de legitimidade moral. [...] o ato de confiança é principalmente discursivo [...]” (ORIGGI, 2008, p. 84). Isso significa não apenas que os mecanismos de construção de confiança podem ser observados no discurso, mas também que, ainda de acordo com Origgi (2008, p. 84-85), este espaço de discurso é “o de um discurso partilhado, em que cada um está disposto a aceitar as normas de racionalidade, sem se submeter de uma maneira diferencial à vontade de outros”.

---

5 N.T.: Em todas as citações optou-se por tradução nossa.

## 2. Linguística Popular e Socioterminologia: o interesse de uma integração

Colocada nestes termos, a abordagem teórica e metodológica da Linguística Popular parece muito fecunda no âmbito de abordagens terminológicas sociais preocupadas em considerar a circulação social dos termos e, particularmente, a apropriação das terminologias por parte dos cidadãos. A abertura da terminologia para além das comunidades de especialistas e das organizações oficiais é observável em diferentes abordagens terminológicas recentes, por exemplo, a Teoria Comunicativa de Cabré (1998, p. 50), na qual ela afirma que:

Não é desejável para a normalização de uma língua que se crie um fosse entre os verdadeiros usuários da terminologia e os organismos oficiais, dado que a implantação da terminologia exige a participação de todos os cidadãos e uma atitude ativa na utilização social da língua.

No entanto, é com a abordagem socioterminológica proposta por Gaudin (1993) que a dimensão social dos termos adquire todo o seu valor. Em particular, afirma-se claramente a importância da consideração dos mecanismos de circulação dos termos e dos conhecimentos terminológicos no tecido social, para além das fronteiras entre os gêneros científico – técnico – vulgarização (GAUDIN, 2003; HUMBLEY, 2018). O objetivo da socioterminologia é, pois, o de colocar a tônica no funcionamento discursivo e pragmático dos termos nos textos que circulam no interior de uma dada sociedade em que a interferência das redes de comunicação obriga os cientistas a ter em conta as necessidades de comunicação anteriormente inexistentes:

A diversidade dos textos refere-se a uma variedade de funções sociais e cognitivas. Os concorrentes denominacionais deixam então de remeter a uma simples hierarquia que se opõe aos registros do erudito e do profano, dentro do qual o legítimo se oporia ao ilustrativo, para remeter aos mundos construídos, a grupos sociais, a diferentes universos de discurso. (GAUDIN, 2003, p. 117).

Os termos são então considerados como praxemas (GAUDIN, 1993) cujo significado não é fixo, mas negociado dentro das interações. Os termos são considerados a partir do seu funcionamento em discurso, das condições sociais do enunciado e são estudados “na sua dimensão interativa e discursiva” (GAUDIN, 1993, p. 295). É precisamente o estudo desta dimensão interativa que estaria na base da abordagem glotopolítica proposta por Gaudin (2003, p. 180) quando defende a importância de refletir sobre os “modos de elaboração e de difusão dos termos necessários aos usuários” antes de propor qualquer tipo de planificação terminológica. Pela adoção de um ponto de vista glotopolítico, os estudos socioterminológicos se inscrevem desde o início no contexto mais vasto dos estudos das mentalidades languageiras, tal como a Linguística Folk (LF) e do estudo da construção e da circulação dos saberes e dos conhecimentos mais ou menos especializados.

Neste contexto, a contribuição da LF é fundamental, pelo menos, por três razões. Em primeiro lugar, a LF permite colocar a tônica nos processos de construção dos saberes ordinários cuja análise passa pela observação das práticas metalinguísticas e discursivas: a reconstrução do conjunto de representações circula em torno de certas realidades cuja discussão foi outrora regulada para os círculos eruditos que constitui hoje uma prioridade sobretudo nos domínios em que a participação ativa do cidadão e sua adesão são necessidades primárias, como o das energias renováveis:

A negociação terminológica, a informação e a consulta das partes interessadas são fatores favoráveis para que as decisões sejam seguidas de fato. Para isso, é necessário que as condições de adesão social estejam reunidas e que as decisões tomadas assentem numa fina descrição das práticas e em uma consulta prévia dos usuários. (GAUDIN, 2003, p. 178).

Um melhor conhecimento desses processos cognitivos e discursivos pressupõe, portanto, a compreensão das autoridades reconhecidas pelos usuários em terminologia e permitiria assim, se for o caso, atuar sobre essas representações: qualquer terminólogo que pretenda propor políticas linguísticas deveria, assim, se interessar pela questão da confiança epistêmica e no papel desta na construção das representações ordinárias dos termos.

Em seguida, a LF permitiria destacar os processos discursivos e cognitivos do que Gaudin (2003) intitula de sociogênese dos termos: como e por que os novos termos são aceitos ou rejeitados pela comunidade de falantes? Quais são as razões que conduzem à escolha de novos termos? Quais são as variáveis discursivas que entram em jogo? A análise do discurso metaterminológico comum oferecia pistas aos terminólogos profissionais e contribuiria para o desenvolvimento da reflexão teórica em vários aspectos: da relação entre o conceito e significado às condições que determinam o sucesso ou o fracasso das políticas propostas.

Por fim, a LF permitiria abandonar a visão dicotômica entre saberes ordinários e conhecimentos científicos em que uns e outros pertenceriam a tipologias textuais e a locutores distintos e bem limitados, em favor de uma visão escalar, que vê diferentes tipos de discursos e, portanto, os empregos dos termos, sobre um *continuum* cujas fronteiras são porosas. Essa concepção parece preferível por duas razões. Em primeiro lugar, ela está mais próxima da realidade das interlocuções e das comunicações atuais, onde sobretudo as novas tecnologias permitiriam a constituição de comunidades epistêmicas espontâneas, através de *blogs* e fóruns, em que peritos e menos peritos comunicam sobre as mesmas questões. Em segundo lugar, esse *continuum* e esses suportes obrigam a repensar as distinções ontológicas entre as categorias de locutores (peritos *versus* não peritos) em termos de posicionamentos enunciativos e de situações de comunicação, mais do que em termos de pertença estável a categorias preestabelecidas. Os fóruns constituem, com efeito, um modo de sociabilidade de saber mais ou menos especializado, fortemente representativo das práticas languageiras e das

terminológicas contemporâneas dos locutores mais ou menos peritos (de engenheiros a técnicos, passando pelos falantes comuns) para fazer face aos problemas colocados pelo emprego de termos de especialidade ao longo das interações.

### **3. Objetivos, corpus e metodologia**

#### **3.1 Objetivos**

A rede, e particularmente, a *web 2.0*, favorizou a constituição de rodas de conversação de grupos de locutores com graus de competência variados que interagem em torno de interesses comuns, sobretudo através de fóruns de discussão. Estes constituem, com efeito, um modo de sociabilidade do saber mais ou menos especializado fortemente representativos das práticas languageiras e terminológicas contemporâneas dos locutores e representa um terreno de inquérito privilegiado para observar a forma como circulam os termos nos discursos realizados pelos falantes mais ou menos peritos (de engenheiros a técnicos, passando pelos falantes comuns) para fazer face aos problemas colocados pelos termos de especialidade.

Minha hipótese é de que estas interações abalam os papéis respectivos entre peritos, público e divulgador, assim como as fronteiras claras entre discursos vulgarizador e discurso perito (CONCEIÇÃO, 2005; DESMET, 2007), a experiência se constrói, sobretudo, ao longo das negociações intersubjetivas entre os intervenientes, através de estratégias tecno-discursivas e discursivas específicas a esses ambientes. A análise das modalidades de construção de especialização neste tipo de comunidades discursivas híbridas, em que o uso de pseudônimos garante o anonimato ao menos parcial dos intervenientes, permitiria, assim, observar as modalidades através das quais se constrói a “confiança epistêmica” (ORIGGI, 2008).

A terminologia das energias renováveis parece-me o terreno de observação ideal para compreender como os termos e, com eles, os conhecimentos terminológicos funcionam e se difundem para além dos círculos de especialistas, e isso ao menos por duas razões.

Primeiramente, ela é ainda relativamente recente e instável nos mesmos textos jurídicos e técnicos, pelo menos há uma dezena de anos (ZANOLA, 2008): se esta indefinição parece ultrapassada entre os especialistas de hoje, permanece nos discursos ordinários e favoreceria o desenvolvimento de verdadeiras “sequências metaterminológicas” ao longo das interações em torno dos termos, bem como dos debates sobre as questões terminológicas variadas.

Por último, deve-se considerar que domínio constitui um setor em crescimento nos últimos anos, graças também à adoção de uma política comum europeia (diretiva 2001/77/CE, diretiva 2003/30/CE e diretiva 2009/28/CE) promovendo a difusão de novas tecnologias para o desenvolvimento sustentável do mercado energético. Os consumidores são então chamados não somente a optar por soluções energéticas recentes e de alto

nível tecnológico, mas também a se desembaraçar numa verdadeira selva de apoios financeiros e econômicos distribuídos pelas empresas públicas e privadas, estatais e europeias. A necessidade de uma informação precisa e pormenorizada surge, portanto, como uma etapa fundamental e passa através da apropriação de uma terminologia capaz de captar noções e conceitos novos e inéditos.

Ora, se é verdade (1) que as sociedades contemporâneas, sobretudo as democracias maduras, são caracterizadas por uma forte densidade informacional, (2) que “a divisão do ‘trabalho cognitivo’ é gerada pelas estruturas sociais que participam no processo de produção de difusão da informação” e (3) que a “legitimidade das fontes de informação releva a reputação que lhes confere esta organização social” (ORIGGI, 2004, p. 168), a consideração das diferentes comunidades epistêmicas com padrões variáveis dentro de uma sociedade aparece como um elemento indispensável para entender não só como o discurso pode transmitir conhecimentos especializados fora das comunidades de “especialistas”, mas também as condições para que os conhecimentos e, por conseguinte, as terminologias especializadas possam ser aceitas e consideradas como fiáveis pelos locutores.

Proponho-me a estudar, através das marcas tecnodiscursivas que constroem nestes espaços um discurso marcado pelo selo da confiança, autoridade, tanto no nível das características do tipo de suporte (fórum) quanto no nível das trocas metaterminológicas, a partir de três práticas amplamente difundidas no *corpus*, a saber, definições, reformulações e denominações, como o objetivo de fornecer elementos de resposta às seguintes questões: como e por que os novos termos são aceitos ou recusados pela comunidade de falantes? A origem institucional, científica ou técnica de certas decisões em matéria terminológica é suficiente para que os escritores estejam dispostos a aceitá-las como se fossem evidentes por si mesmas?

### 3.2 Corpus

O *corpus* deriva de três fóruns (Econologie.com, Chaleurterre.com, Forums.futura-sciences.com) criados por especialistas para debater sobre as energias renováveis e divulgar os conhecimentos relativos à sua exploração. Trata-se de três portais de informação em acesso livre e gratuito, criados entre 2000 e 2003, cujo objetivo é debater, promover e divulgar os conhecimentos em torno das energias renováveis: propõem-se explicativamente favorecer a simples troca de opiniões e de propostas sem qualquer fim lucrativo e a partir da participação de peritos do setor. É assim que se pode ler na página inicial da *Futura-sciences*:

A nossa equipe editorial é constituída por jornalistas especialistas em física, biologia, cosmos, espaço, saúde, novas tecnologias, universo da casa e problemáticas ambientais.

Para além das nossas penas diárias, das nossas assinaturas recorrentes e das nossas intervenções pontuais, numerosas personalidades apoiam Futura: Yann Arthus-Bertrand, Isabelle Autissier, Yves Coppens, Jean-Louis Étienne, Claudie Haigneré, Axel Kahn, Étienne Klein, Jean-Pierre Luminet, Joel de Rosnay... Estamos orgulhosos por eles ainda estarem do nosso lado, 17 anos depois. Para além destes apoios imediatos, estamos felizes na Futura por sermos lidos por cada vez mais profissionais e amadores esclarecidos. O conhecimento é o nosso bem comum, a precisão do trabalho científico, a nossa bússola. (<https://www.futura-sciences.com/qui-sommes-nous/>).<sup>6</sup>

Embora a *Econologie.com* tenha sido criada por um engenheiro especialista em energias renováveis, os outros dois são fruto de uma colaboração entre vários especialistas (profissionais e técnicos) que trabalham no domínio. Especialistas de um lado, mas também falantes comuns, simples apaixonados pelas questões ambientais, por outro, esses fóruns apresentam uma forte hibridade discursiva:

Quando a bioclimática sairá das sombras? [...] há uma grande diferença entre nós neste fórum e o grande público. Falemos também ao nosso padeiro... e numa linguagem vulgarizada..... (r17777, 05/01/2005, <https://www.econologie.com/>)

Olá a todos ..... Já que estamos nos balões, gostaria de ter a opinião de especialistas do solar que são servidores neste fórum.... Tenho há 30 anos cerca de 24 m<sup>2</sup> de painéis solares que me aquecem um piso (polo04, 05-09-08 <http://www.chaleurterre.com/forum/>).

Estes fóruns caracterizam-se, além disso, pela sua dimensão explicitamente militante em favor da difusão das energias renováveis no território:

A *econologia* é a contração de *economia(s)* e *ecologia*, este neologismo foi inventado por Christophe Martz. Christophe é engenheiro ENSAIS M2001. O *site* está *on-line* desde 2003 para democratizar o conceito de *econologia*, para o bem das gerações atuais e futuras... A *econologia* tem, evidentemente, como objetivo mostrar que é possível conciliar: *economia(s)*, *ecologia* e *ambiente*. Fique à vontade para visitar os fóruns e participar de uma comunidade muito ativa! (<https://www.econologie.com/>).

As discussões são um tanto orientadas para a aquisição de *know-how* práticos e procedurais, como testemunhado pelas intervenções dos próprios escritores:

---

6 N.T.: Todos os exemplos que compõem o *corpus* de análise foram traduzidos de modo a propiciar seu melhor entendimento, dada a especificidade dos termos do campo das energias renováveis. Optou-se por manter apenas as pontuações originais e, quando o caso, foram feitas adequações ortográficas pontuais para a compreensão global do texto.

Olá, Papykiwi, [...] a razão de ser deste fórum é dar uma resposta concreta a um problema prático e, portanto, na minha opinião, é melhor escolher termos compreensíveis para todos. (Capt Maloche, 21-10-09 <http://www.chaleurterre.com/forum/>).

Ora, se segundo a definição que Jacobi dá do discurso de vulgarização, a saber, “qualquer prática discursiva que proponha uma reformulação do discurso científico” (JACOBI, 1985, *on-line*), esses fóruns fariam parte dos discursos de divulgação no sentido lato, a sua composição (hibridação de comunidades discursivas eruditas e não eruditas), a sua dimensão poderia dizer-se “intervencionista” em matéria energética (promoção das energias renováveis em detrimento das energias ditas “tradicionais”), bem como o ambiente tecnológico em que são criados, devem permitir observar os mecanismos discursivos de circulação dos conhecimentos e de construção da confiança um pouco diferentes dos que caracterizam os discursos de divulgação e de divulgação monológicos, tal como circulam em suportes mais tradicionais (manuais, brochuras, revistas especializadas) e que foram objeto de numerosos estudos, pelo menos no âmbito das energias renováveis (GILARDONI, 2012; ORLANDI, 2012; PIACENTINI, 2012; ZANOLA, 2008, 2010).

Este estudo propõe-se a observá-los em 800 comentários terminológicos publicados entre 2003 e 2012, e selecionados a partir de um certo número de palavras-chave metalinguísticas nos motores de busca dos fóruns<sup>7</sup>

## 4. Estratégias da construção da confiança no discurso

### 4.1 Processos de construção do Ethos

#### 4.1.1 O Ethos “tecnodiscursivo”

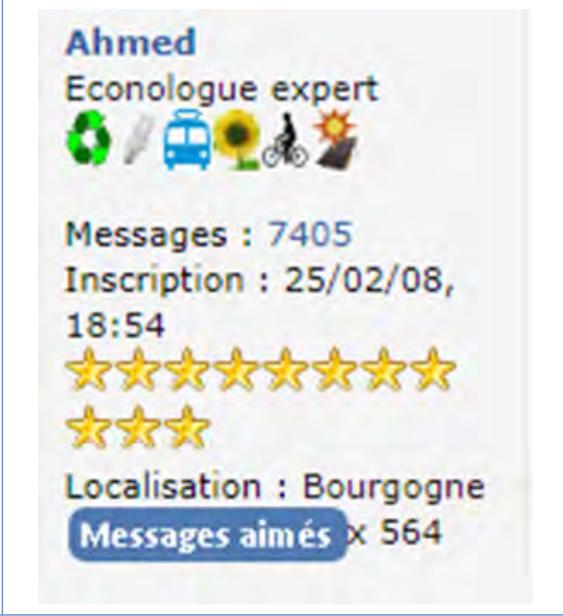
Os fóruns *on-line* permitem aos inscritos acessar uma série de parâmetros relativos à “identidade digital” dos membros do fórum (ALLOING, 2014), ou seja, o conjunto de traços que permitem identificar a atividade de um indivíduo em qualquer dispositivo *on-line*. Esses traços constituem indicadores de reputação de natureza tecnodiscursiva (PAVEAU, 2017), na medida em que sua elaboração é possibilitada por algoritmos e cálculos predispostos pelas plataformas em conjunto com as informações declarativas dos usuários. Esses indicadores permitem, assim, a construção da credibilidade pré-discursiva dos participantes, pois os outros participantes podem ter pistas sobre o grau de confiabilidade dos usuários.

Nos três fóruns do *corpus*, enquanto se o *Chaleurterre* se limita a mostrar para cada perfil a data de registro e o número de mensagens publicadas (índices bastante quantitativos), os outros dois apresentam uma gama mais rica de informações, das quais aqui estão dois exemplos:

---

<sup>7</sup> Veja a lista ao final da contribuição.

**Tabela 1.1** – Componentes do ethos tecnodiscursivo em *Futura-sciences* e *Econologie.com*

 <p><b>DINOULIX</b></p> <p>Date d'inscription: juillet 2005</p> <p>Localisation: Montpellier</p> <p>Âge: 51</p> <p>Messages: 294</p>	 <p><b>Ahmed</b> Econologue expert</p> <p>Messages : 7405 Inscription : 25/02/08, 18:54</p> <p>★★★★★★★★ ★★★</p> <p>Localisation : Bourgogne</p> <p>Messages aimés x 564</p>
<p><i>Futura-science;</i> <i>Pseudônimo: trocadilho avc doulux (plataforma de bioengenharia)</i> <i>Data de inscrição</i> <i>Número de mensagens escritas.</i></p>	<p><i>Econologie:</i> <i>Pseudônimo</i> <i>Hierarquia de usuário</i> <i>Número de mensagens escritas.</i> <i>Data de inscrição</i> <i>Número de mensagens amadas por outros administradores do site.</i></p>

**Fonte:** Elaboração própria

Embora seja difícil determinar com precisão o peso dessas informações na dinâmica das trocas, assim como a forma como são reutilizadas pelos escritores, não se pode negar que sua presença contribui para a constituição do que podemos chamar de “ethos tecnodiscursivo” e fornece aos escritores índices de reputação (na *Econologie.com*: número de mensagens apreciadas por outros usuários da internet, estrelas correspondentes ao grau de apreciação) e informações pessoais (interesses, localização) que permitem identificar melhor o grau de envolvimento dos usuários nas interlocuções e, de modo mais geral, nos fóruns.

#### 4.1.2 Ethos dito

Em um bom número das discussões selecionadas, observamos estratégias para legitimação do dizer, que estão sob o título do que Maingueneau (2014, p. 34) chama de “ethos dito”, ou seja, “o que o orador diz de si mesmo” e que mostram a ênfase colocada no “eu” dos escritores. Eles não hesitam em intervir na primeira pessoa durante os diálogos

e inscrever uma certa *expertise* no discurso, por vários meios. Desta forma, eles podem explicar seu domínio de conceitos e da terminologia com base em sua formação:

[...] Em minhas várias leituras sobre o assunto, nunca me deparei com o nome turbina eólica para designar outra coisa que não seja uma máquina que possa funcionar de forma autônoma na maioria das vezes [...] fred (verdifred, 06-01-2010, <https://www.econologie.com/>).

e/ou através de experiência profissional, como nos trechos a seguir:

De fato, é em grande parte por esta ignorância que jogam os políticos. Algumas pessoas acreditam que a energia nuclear leva, necessariamente, a Chernobyl. Por razões profissionais, tive que trabalhar três anos seguidos na URSS, na época do companheiro alegre chamado Brejnev. Fiquei então chocado com a total falta de segurança nas instalações industriais soviéticas, com o desprezo pelo meio ambiente (Guil-laume56 [engenheiro], 23-11-2006, <https://forums.futura-sciences.com>).

Olá, estou intrigado com seu tema... Embora eu não conheça muito bem as máquinas que vocês estão falando, meu treinamento como técnico eletricista e meu passado como controlador de trabalho (se isso existe!) me levam a estas reflexões [...] (jeanloup, 13-02-12, [www.chaleurterre.com/forum](http://www.chaleurterre.com/forum)).

Formação e experiência pessoal justificam, portanto, as intervenções dos escritores, pelo menos aos seus olhos, nas discussões e lhes permitem fazer críticas ao discurso ambiental dos políticos, que são frequentemente acusados no *corpus* por causa de suas supostas ambiguidades, assim como acontece com os anúncios publicitários:

Olá, eu queria testemunhar porque há um ano fiz uma renovação ecológica em minha casa e vi muitos vendedores corruptos, com negociações abusivas; o problema da renovação energética é que é um mercado novo com muitos termos técnicos que as pessoas nem sempre entendem, e muitas empresas aproveitam a ignorância e a fraqueza dessas pessoas. Portanto, se eu posso lhe dar alguns conselhos se você quiser renovar sua casa ou instalar produtos que lhe permitirão economizar energia (bombas de calor, isolamento, painéis solares, etc.), é passar primeiro por um escritório de engenharia térmica, que lhe aconselhará, ou para se informar sobre este mercado! (givais, 07-01-2009, [www.chaleurterre.com/forum](http://www.chaleurterre.com/forum)).

Somente a experiência pessoal, de natureza não profissional, é então apresentada para advertir contra possíveis esquemas derivados de um suposto uso indevido da terminologia técnica ou, pelo menos, de sua opacidade.

A elaboração do “*ethos* dito” (AMOSSY, 2010) também inclui processos que são mais diretamente atribuíveis à dinâmica de argumentação entre escritores, como no caso a seguir:

Acho que você está usando energia para nenhuma grande coisa: 1- trata-se de definição. O todo é ser coerente. De minha parte, quando falo sobre isso para os cálculos, específico a definição de antemão, de modo que não há o risco de cometer um erro. 2- Uma coisa que você tem que concordar é que, desde o início, temos por definição: rendimento < 1. É por isso que nunca falamos de eficiência para um refrigerador, mas de COP<sup>8</sup>, porque os engenheiros de refrigeração sempre querem se distinguir ;-) [...] (ber-nardd, 12-11-2010, <https://www.econologie.com/>)

O escritor especifica suas próprias práticas discursivas com relação à terminologia e insiste na importância de confiar em definições para uma comunicação correta. Dessa forma, ele cria dele mesmo um *ethos* de especialista, utilizando instrumentos terminológicos para apoiar seu argumento e para rejeitar o discurso de outros, mesmo que o interlocutor se baseie em fontes científicas:

Olá ummolae, Então você está em completa contradição sobre a definição da lei da água com a maioria dos fabricantes de bombas de calor, assim como os estudos de Nicolas Beaudis Extract: “A lei da água torna possível determinar a temperatura de partida do circuito hidráulico de acordo com a temperatura externa” e Nicolas Flach-Malaspina, entre outros. Extrato: “Por exemplo, o uso da regulamentação da ‘lei da água’: este tipo de regulamentação permite adaptar o ponto de ajuste da bomba de calor de acordo com a temperatura externa”. Atenciosamente, Alain30.

Olá Alain 30 Conheço estes textos e os acho pouco claros e é por isso que existe uma confusão na compreensão da terminologia. Para fazer uma lei da água medindo o ar exterior, sempre achei estranho, por isso outros a chamam de lei do aquecimento para diferenciá-la bem. Não vamos entrar em um debate semântico sobre a questão, que é de pouco interesse. (ummolae, 08-01-12, <http://www.econologie.com>).

Embora o primeiro escritor cite em sobre-enunciação (RABATEL, 2004) dois textos científicos para assegurar sua argumentação e criticar o emprego de termos da parte de seu interlocutor, este último não só não hesita em contradizer estes textos, como também constrói um *ethos* como conhecedor do campo, capaz de concluir criticando os nomes utilizados. A inclusão no discurso de uma autoridade externa, embora científica, nem sempre é suficiente para que os escritores a aceitem como óbvia: eles constroem *ethos* de especialistas, de conhecedores da terminologia especializada, e assim modificam os papéis discursivos e as respectivas posições dos interlocutores.

---

8 N.T.: *Coefficient de performance*, em português: coeficiente de desempenho.

### 4.1.3 Ethos mostrado

Em muitos casos, o *ethos* dos escritores “se mostra no ato de enunciação, não é dito no enunciado” (MAINGUENEAU, 2014, p. 34) e, no *corpus*, isso acontece principalmente a partir de uma frutífera atividade reformulatória que acompanha a inscrição de termos no discurso. Nestes exemplos, os escritores mostram seu domínio do campo especializado, pela seleção de uma terminologia reservada a uma comunidade de especialistas na qual eles próprios se incluem:

Se um Pac<sup>9</sup> para permanentemente antes de atingir sua capacidade máxima, é como um carro que só é usado na cidade. No jargão, chamamos isso de ciclo curto porque fica sem vapor antes de atingir sua capacidade máxima. [...]. (Mortillus, le 20-04-2007, <https://forums.futura-sciences.com>)

Por que instalar 2 sistemas termodinâmicos? Ao pegar uma unidade de água, como Altherma, mas mais potente (pode ter que mudar de fabricante porque o grande Altherma ainda não está disponível) e adicionar os convectores de ventoinha (VC em nosso jargão) para sótãos, me parece bom. (givais, le 08-03-2007 <http://www.chaleurterre.com>).

O uso do “nós” inclusivo é apoiado no último exemplo pelo uso do possessivo (“nosso jargão”) e permite ao escritor mostrar sua competência na matéria: estas duas autorreformulações têm reformulantes menos transparentes do que os reformulados, o que mostra que eles não cumprem nenhuma função pedagógico-didática.

O domínio de terminologia específica também pode ser mostrado sem a adição de comentários metalinguísticos construídos em torno de verbos *dicendi*, como nos extratos seguintes:

Cuidado, não é bem assim que você tem que fazer para produzir água quente. é necessário separar o circuito do aquecedor solar (que virá para descarregar as suas calorias no seu acumulador, ou melhor, permutador) do seu abastecimento de água da rede deste mesmo acumulado. (bones, le 24-07-2006, <http://www.econologie.com/forums/>).

Penso que para obter o melhor rendimento (ou melhor, produtividade ao longo do ano), é necessário estudar a possibilidade de construir do zero um gerador feito sob medida... diretamente acoplado ao tambor e, portanto, de baixa velocidade! (Christophe, le 18-06-2009 <http://www.econologie.com/forums/>)

Aqui, os escritores se limitam a reformular um termo com outro termo que não é o mais transparente, acrescentando o marcador de reformulação parafrástica “ou melhor” e, no

---

9 PAC – *pompe à chaleur*, em português: bomba de calor.

segundo trecho, o corte. Dessa forma, eles demonstram sua busca pela palavra certa e, ao fazê-lo, sua capacidade de lidar com precisão com o assunto em questão.

Este tipo de reformulação, cujo objetivo é didático, representa cerca de 21% (48 de 232) do total de reformulações identificadas no *corpus*, o que o torna um dos principais processos através dos quais ocorre a construção discursiva do *ethos* mostrado e, portanto, a legitimação das declarações dos escritores.

## 5. Formas de construção de um discurso compartilhado: o apelo aos pré-discursos

### 5.1 Apelos à memória da língua

Para justificar suas declarações, nas discussões em torno dos empregos de termos de especialidade, os escritores muitas vezes se apoiam no que podemos chamar, segundo Paveau (2006, p. 144), a “memória da língua”, ou seja, uma espécie de

[...] “armazém de memórias” relativo ao sentido das palavras, à propriedade das expressões, à correção de expressões, etc., análogo, sobre o plano descritivo, ao tesouro coletivo e social que F. de Saussure opõe à fala.

Os escritores recorreriam a ele em discurso para garantir e preservar o que consideram ser o verdadeiro sentido dos termos que usam ou para corrigir o uso de que fazem os outros. Em particular, no *corpus*, estes apelos são inscritos no discurso pela reviravolta “por definição” que serve, por si só, para justificar as declarações de definição forjadas por eles mesmos, sem necessariamente recorrer a uma obra lexicográfica.

O termo “eficiência útil” não quer, de fato, nada dizer segundo as definições que eu conheço. Em física, só conheço “eficiência energética”, por um lado, e “eficiência”, por outro, que é sinônimo de “eficiência termodinâmica”. Já esclareci os termos que utilizo no fluxo deste tópico. Se “fazer frio” em seu vocabulário significa “absorver calor”, então uma expansão adiabática reversível não faz frio de acordo com sua definição, pois por definição de “adiabático”, ela não absorve nenhum calor nem libera nenhum calor. A gente observa somente uma queda na temperatura do gás [...]. (anonyme, le 27-05-2007, <http://www.chaleurterre.com>).

Neste trecho, várias estratégias para legitimar as declarações são sobrepostas. Primeiramente, o escritor restringe o campo de especialização no qual o significado do termo que ele usa é válido (“em física”) e, ao fazê-lo, mostra, entre outras coisas, seu domínio da terminologia técnica. Em segundo lugar, ele inscreve um silogismo no discurso (“Se estiver frio...”) no qual ele se opõe a um vocabulário individual (“em seu vocabulário”) aos elementos definidores de “adiabático” usando a frase preposicional “por definição”, que provavelmente inscreve no discurso uma memória da linguagem cuja autoridade seria indiscutível. É com base na autoridade de que goza neste tipo de

discurso que os escritores criticam o uso tortuoso de termos por parte dos políticos, publicitários e, como no caso a seguir, vendedores corporativos.

Olá, eu já fiz questão de dizer em outro lugar neste fórum, mas não se deixe enganar por vendedores que querem lhe vender uma máquina mais poderosa dizendo-lhe que você economizará dinheiro porque ela funcionará com menos frequência. Por definição, a potência nominal é a potência correta de operação. [...] Os vendedores jogam muito com os medos das pessoas. (esperanza, le 21-11-08, <http://www.econologie.com/forums/>).

Enquanto neste exemplo, “por definição” introduz um enunciado de definição no qual o escritor se limita a fornecer um julgamento para sua demonstração sem realmente dar uma definição do termo em questão, esse sintagma pode, igualmente, introduzir elementos de definição na forma de um hiperônimo seguido por uma lista:

Boa noite e bom fim de semana, águas residuais é um termo vago. Toda a água dita suja (água de lavar louça, água de banho, água de toalete, água de lavagem, etc.) é, por definição, água residual. Amaciar<sup>10</sup>, tratamento de água, aquamagasin.<sup>11</sup> (Isis13, 14/09/2006, [www.futura-sciences.com/forum](http://www.futura-sciences.com/forum/)).

A particularidade da forma textual da lista reside no fato de que ela funciona como um “proto-dicionário” ou uma “enciclopédia embrionária” (GOODY, 1979 [1977], p. 149) e, desta forma, permite apresentar o conhecimento de forma óbvia e objetiva (ECO, 2009), na medida em que produz um efeito de pré-construção (PAVEAU, 2006): os elementos da lista estão de fato inscritos no discurso como pré-existentes a seu discurso.

Outros processos também podem ser enxertados na memória da língua, como no exemplo a seguir:

A gente usa esse tipo de proteção quando um fenômeno mecânico pode ser a causa de uma sobrecorrente [...]. É assim que uma proteção de relé térmico é colocada a montante de um ventilador, quando por definição, em estado estável, o ventilador opera com torque resistivo constante... [...] por que instalar uma proteção inútil? (anônimo, em 25-10-05, <http://www.econologie.com/forums/>).

O uso da pergunta retórica é particularmente eficaz na medida em que endossa a resposta e encerra qualquer possibilidade de objeção: ajuda a legitimar os dizeres do escritor, cuja argumentação reside em um regime enunciativo de objetividade reforçado pelo uso da forma infinitiva do verbo (“pôr em prática”), que confere à enunciação uma validade universal, baseada no senso comum, ou mesmo na evidência.

---

10 N.T.: Amaciar, neste sentido, objetiva corrigir a dureza da água muito calcária da França.

11 N.T.: Aquamagasin é uma empresa de tratamento de água doméstico. Disponível em: <https://www.aquamagasin.com/>

## 6. Construção da evidencialidade

Muitas estratégias de legitimação do discurso são baseadas na construção discursiva da evidencialidade, na medida em que permitem que os escritores se refiram tanto à fonte do conhecimento do enunciador quanto à natureza dessa fonte, dependendo se é o que se ouve de um terceiro não especificado, se ouve dizer ou inferir, ou se são fatos apurados pela visão, pela audição ou por qualquer outro sentido (GUENTCHÉVA, 2004, p. 13-14). No *corpus*, a estratégia mais comum é representada por questões retóricas, que normalmente são apresentadas na forma de listas:

Enviado por gillesh38: “uma vez que estamos finalmente queimando de novo o calor que desviámos”. Mas o que está dizendo aqui? Esta energia vem do centro do planeta; e pensa que estamos reinjetando energia nele? [...] Enviado por gillesh38: “Então não é pior do que [...] ou mesmo usar energia solar que também está em quantidade finita!” Energia solar, em quantidade finita? Cf. dicionário, uma palavra bastante antiquada: “argúcia (desonestidade)”; em francês mais moderno, a expressão “má-fé” é mais relevante; -> embora isto possa ofender o seu bom senso: 1°) a energia solar aumenta com o tempo (a Terra acabará por ser queimada: você não sabe disso?; 2°) a inserção de tubos tão profundos quanto possível na terra não tem absolutamente nada a ver com a colocação de painéis solares : [...] 3°) ... mais também, uma energia preciosa: [...] Enviado por gillesh38: “Para além disso, é alimentado por mecanismos (radioatividade natural e sedimentação do núcleo) que ocorrem ao longo de milhares de milhões de anos” 1°) “a ocorrer ao longo de milhares de milhões de anos” ou seja: ocorrendo numa escala tal que nós, seres desprovidos de qualquer responsabilidade, não vamos nos preocupar com isso, não é? 2°) A radioactividade era muito elevada no início da formação do sistema solar. Só podemos ver os resquícios disto. 3°) “Sedimentação do núcleo: do que está falando? Bem, estamos falando exatamente do que (e é aqui que meço a extraordinária má-fé da sua resposta) matará a magnetosfera: o núcleo líquido da terra será cada vez mais reduzido, o que enfraquecerá a magnetosfera até que desapareça. Enviado por gillesh38: “Para qualquer aplicação humana prática, não é, portanto, inesgotável”. A Terra, inexaurível ??? As pessoas ainda pensam assim? (DINOULIX, le 10/02/2007).

Neste longo trecho, o escritor repete as mensagens de seu interlocutor a cada vez e depois as refuta por meio de perguntas retóricas, mostrando o absurdo de suas proposições. O padrão argumentativo é repetido em todo o trecho: repetição das palavras do outro, perguntas retóricas, demonstrações lógicas apresentadas na forma de argumentos listados e em um regime enunciativo fortemente desubjetivado (uso do “nós” indefinido, o presente ou futuro epistêmico, ausência de axiológicos, etc.).

Dito isto, a expressão da subjetividade e, em particular, do envolvimento emocional dos escritores, não é rara no *corpus*:

Estou mais uma vez enfurecido: - por que “inventar” um conceito confuso: “biocatalisadores” ??? - um catalisador acelera uma reação mas não injeta energia - [...] Portanto, não é uma simples catálise! Eu conheço os biocatalisadores: são enzimas. Mas eles também não “sobem” as encostas energéticas [...] Para mim, eles são caçadores de notoriedade ou reclamações, como você deseja! (Did67, 09-02-04, <https://www.futura-sciences.com/>).

A raiva do escritor, que não hesita em mostrar seu estado de espírito no início do comentário, é seguida por uma demonstração lógica que se abre com uma pergunta retórica seguida de conectores argumentativos espalhando o raciocínio. É então uma raiva justa (PLANTIN, 2011), justificada com base no conhecimento que o orador não hesita em apresentar como proveniente de sua própria experiência (“Eu sei...”, “Para mim...”) e da qual ele afirma seu julgamento peremptório no final da mensagem.

A evidencialidade se constrói igualmente pela presença de marcadores de evidencialidade epistêmica, ou seja, por sintagmas constituídos de substantivos indefinidos de agentes seguidos por um verbo epistêmico (PAVEAU, 2006):

Os terminais solares, energeticamente não é genial ecologicamente não vamos falar sobre isso, mas [...] Todos podem constatar que funciona - Uma vez colocado no jardim, ele funciona e temos a ilusão de que ele acende de graça - (verdifre, 08-09-2008, <https://www.econologie.com/>).

Para quem quer saber mais, não perca o programa com Robert...[...] Todos conhecem o fluído frigorígeno, a bomba de calor Ar/ar pode ser conectada à antiga instalação acrescentando um balão ECS. Robert entendeu tudo! (givais, 26-11-07, [www.chaleurterre.com/forum](http://www.chaleurterre.com/forum)).

Estas frases permitem enfatizar a natureza indefinida, mas óbvia e compartilhada do conhecimento que os escritores introduzem: o conhecimento assim transmitido é apresentado como pré-existente ao discurso e, portanto, óbvio e objetivo, sem que o recurso explícito a outras fontes de conhecimento mais definidas seja necessário.

## **7. O lugar do discurso lexicográfico e científico**

Entre as autoridades mencionadas pelos escritores no decorrer das interlocuções, dicionários e glossários especializados desempenham um papel importante no desenvolvimento das definições. Dito isto, em cerca de 42% das referências a obras lexicográficas (31 ocorrências em 74), as definições do dicionário são comentadas e ajustadas pelos participantes com base em seus conhecimentos pessoais; a autoridade dos dicionários não parece ser evidente por si mesma:

Boa noite, desculpe-me MacBill, mas o que é que o CO2 tem a ver com o fato de ser ou não renovável? Fonte Wikipedia: Uma energia renovável é uma

fonte de energia que se renova a si própria suficientemente depressa para ser considerada inesgotável numa escala de tempo humana. A energia renovável provém de fenômenos naturais regulares ou constantes causados pelas estrelas, principalmente o Sol (radiação, ciclo de evaporação, fotossíntese, biocombustíveis, etc.). A energia que pode ser extraída da própria rotação da Terra em relação ao sistema Terra-Lua (maré) \* a energia que pode ser explorada do gradiente geotérmico resultante do calor acumulado e produzido pelas reações nucleares internas da Terra (energia geotérmica). (anônimo, le 17/08/2003, <https://www.futura-sciences.com/>).

A citação direta do trecho da Wikipédia não impede o esclarecimento do escritor no final do trecho citado, que denuncia um “abuso” terminológico. Em geral, os escritores também podem apontar lacunas no dicionário, como no exemplo a seguir, no qual notamos a falta de definição dos dois termos ‘agrocombustível’ e ‘biocombustível’:

Bom dia Christophe Aparentemente, nos vários xxxpedia eles não fazem a mesma nuance que você. <http://fr.ekopedia.org/Agrocarburant> <http://fr.wikipedia.org/wiki/Agrocarburant> (Alguns dicionários parecem ignorar as palavras agrocombustível e biocombustível. Se não houver uma definição “oficial”, talvez seja o caso de “registrar” uma e ter em conta a sua ideia feita a partir de culturas alimentícias ou não. (Flytox, le 30-12-07, [https://www.econologie.com](https://www.econologie.com/)).

A identificação da lacuna é, portanto, uma oportunidade para embarcar no empreendimento de forjar definições dentro do fórum. A mesma desconfiança também pode ser encontrada em relação ao discurso técnico e científico, que, por vezes, é inscrito no discurso pelos escritores:

A pequena empresa de Santa Barbara, Califórnia, diz estar pronta para construir sua primeira planta piloto em escala real [...]. A tecnologia desenvolvida pela car-bon Sciences utiliza microorganismos, que ela chama de “biocatalisadores”. (Nota do [econologie.com](http://www.econologie.com/): poderia ser microalgas?) [...] Fonte: <http://www.carbonsciences.com/> (Christophe, le 10-02-03, [https://www.econologie.com](https://www.econologie.com/)).

saberemos muito em breve... se vamos falar sobre isso novamente ou se é outro esquema, sob a capa da verborragia pseudocientífica. (Did67, em 10-02-04, <https://www.futura-sciences.com/>).

A referência a um *site* de vulgarização científica pelo primeiro escritor é recebida com um aviso do interlocutor, para quem a fonte utilizada não parece ser incontestável. Além disso, mesmo quando os cientistas são mencionados nas interlocuções sem referências precisas, eles são bastante desconfiados:

Absolutamente, Zac, e é aí que o cara na sua garagem é importante, porque ele vai olhar para fora da caixa e poderá explorar uma ideia que não teria chegado

a um cientista cujo raciocínio e mente foram formatados por seu treinamento e seu ambiente. (ex-oceano, 20/04/2011 <http://www.chaleurterre.com/forum/>).

Se por um lado, os escritores se referem ao discurso científico, por outro, parece que eles favorecem a experiência no campo, em detrimento da formação que eles consideram distante das necessidades práticas e utilitárias que as trocas nos fóruns deveriam permitir satisfação aos olhos dos escritores.

## **| Para concluir**

Do ponto de vista das diferentes estratégias de legitimação do discurso, me parece que estes fóruns não se enquadram nas categorias tradicionais do discurso especializado (vulgarização – técnica – científica).

De fato, eles se caracterizam por um forte hibridismo enunciativo: escritores que são mais ou menos especialistas na área, cidadãos comuns interessados nas instalações, mas também técnicos que trabalham com energias renováveis interagem para diversos fins, com a aquisição de *know-how* prático parecendo ser uma constante em todo o *corpus*.

As estratégias para construir um discurso comum refletem a construção de um discurso objetivo e compartilhado, legitimado por sua mera enunciação e pelo recurso a várias autoridades, que não são completamente rejeitadas, mas questionadas.

Finalmente, a socioterminologia proporciona à Linguística Popular um terreno privilegiado para a observação de práticas metalinguísticas situadas, ancoradas em contextos cotidianos, cujos interesses vão muito além das questões puristas típicas do discurso linguístico na França.

A adoção da perspectiva da Linguística Popular nos permite fazer perguntas sobre a validade (teórica ou mais prática) dos conhecimentos mobilizados e, em particular, mostrar sob quais condições os locutores estão dispostos a confiar na terminologia → condições para o sucesso dos termos no tecido social sob três PDV:

- Natureza e forma do termo – teoria espontânea das relações entre termos conceito – significado
- Sua utilidade: ela preenche lacunas terminológicas? É suficientemente transparente?
- Sua modalidade de proposição: quem tem autoridade, em um determinado contexto, para propor novos termos? Que modalidade de proposta seria mais eficaz?

## | Lista de palavras-chave para a constituição do corpus

termo\*  
definido\*  
palavra\*  
chamada\*  
"ou seja"  
"em outras palavras"  
"em outros termos"  
significado\*  
terminologia  
"quer dizer"  
termo\*  
nomeado\*  
literalmente  
designar\*  
locução  
sinônimo  
antônimo  
homônimo  
expressão  
"ou melhor"  
fale\*

## | Referências

ACHARD-BAYLE, G.; PAVEAU, M.-A. (ed.). Linguistique populaire? *Pratiques* [en ligne], n. 139-140, dez. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pratiques/1168>. Acesso em: 21 nov. 2022.

ALLOING, C. Vers une approche instrumentale de l'identité numérique : les attributs identitaires comme structuration de l'environnement informationnel ? In : PINTE, Jean-Pierre (dir.). *Enseignement, préservation et diffusion des identités numériques*. Hermes Lavoisier, 2014. p. 39-68.

- AMOSSY, R. *La présentation de soi. Ethos et identité verbale*. Paris : PUF, 2010.
- AUTHIER-REVUZ, J. La mise en scène de la communication dans des discours de vulgarisation scientifique. *Langue française*, v. 53, p. 34-47, 1982.
- CABRE, M. T. *Théorie Communicative de la Terminologie*. La terminologie : théorie, méthode et applications, 1998.
- CONCEIÇÃO, M. C. *Concepts, termes et reformulations*. Lyon : Presses Universitaires de Lyon, 2005.
- DESMET, I. Terminologie, culture et société. Éléments pour une théorie variationniste de la terminologie et des langues de spécialité. *Cahiers du Rifal*, v. 26, p. 3-13, 2007.
- ECO, U. *Vertige de la liste*. Paris : Flammarion, 2009.
- GAUDIN, F. *Pour une socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993.
- GAUDIN, F. Le lecteur de vulgarisation: un profane ou un prochain ? *L'autre en discours*, Dyalang et Praxiling, Service des publications, Université Montpellier III, p. 287-306, 1999.
- GAUDIN, F. *Socioterminologie: une approche sociolinguistique de la terminologie*, Bruxelles: Duculot De Boeck, 2003.
- GILARDONI, S. Il mercato italiano del fotovoltaico: terminologia e comunicazione aziendale. In : ANNA, Giaufret ; MICAELA, Rossi (dir.). *La terminologia delle energie rinnovabili tra testi e re-pertori: variazione, standardizzazione, armonizzazione*. Genova : Genova University Press, 2012. p. 139-152.
- GOLDMAN A. Why Social Epistemology is Real Epistemology. In: HADDOCK, Adrian; MILLAR, Alan; PRITCHARD, Duncan (dir.). *Social Epistemology*, Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 1-29.
- GOODY, J. *La Raison graphique*. Paris : Editions de Minuit, 1979 [1977].
- GUENTCHEVA, Z. La notion de médiation dans la diversité des langues. In: DELAMOTTE-LEGRAND, R. (dir.). *Des faits de langue*. Les médiations langagières, aux discours. Rouen, Dyalang : Publications de l'université de Rouen, 2004. p. 11-33.
- HAMER LYNNE, 2008. « Folklore ». *Encyclopedia of the Social and Cultural Foundations of Education*, SAGE Publications, en ligne: [http://www.sageereference.com/foundations/Article\\_n160.html](http://www.sageereference.com/foundations/Article_n160.html). Consulté le 10 février 2013.

- HUMBLEY, J. *La néologie terminologique*. Limoges : Lambert-Lucas, 2018.
- JACOBI, D. *Sémiotique du discours de vulgarisation scientifique*, Semen, 2, 1985. Disponível em: <http://semen.revues.org/4291?&id=4291>. Acesso em: 21 nov. 2022.
- MAINGUENEAU, D. Retour critique sur l'éthos. *Langage et société*, p. 31-48, 2014.
- MOIRAND, S. Dialogisme et circulation des savoirs ; ou la construction trilogale des discours sur la science dans la presse ordinaire. In : CABASINO, Francesca (dir.). *Du dialogue au polylogue: approches linguistiques, socio-pragmatiques, littéraires. Actes du 3° Colloque International Do.Ri.F.* – Università Rome, CISU, p. 23-39, 1998.
- MOLES, A. Oulif, J. Le troisième homme – Vulgarisation scientifique et radio. *Diogène*, v. 58, p. 29-40, 1967.
- MORTUREUX, M.-F. Les vocabulaires scientifiques et techniques. *Les Carnets du Cediscor*, v. 3, 1995. Disponível em : <http://cediscor.revues.org/463>. Acesso em: 21 nov. 2022.
- NIEDZIELSKI, N.; PRESTON, D. *Folk Linguistics*. Berlin, New York: De Gruyter, 2000.
- ORIGGI, G. *Qu'est-ce que la confiance ?* Paris: Vrin, 2008.
- ORLANDI, A. Solare fotovoltaico e testi divulgativi. Un'analisi contrastiva, dal termine al testo. In : ANNA, Giaufret; MICAELA, Rossi (dir.). *La terminologia delle energie rinnovabili tra testi e repertori: variazione, standardizzazione, armonizzazione*. Genova: Genova University Press, 2012. p. 79-116.
- PAVEAU, M.-A. *L'analyse du discours numérique*. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris : Hermann, 2017.
- PAVEAU, M.-A. *Les prédiscours*. Sens, mémoire, cognition. Paris : PUF, 2006.
- PERELMAN, C. Olbrechts-Tyteca, L. *Traité de l'argumentation*. La nouvelle rhétorique. Bruxelles : Université de Bruxelles, 2008.
- PIACENTINI, M. Fiers de réfléchir sur de si grands objets : il discorso scientifico di divulgazione pedagogica, Premesse analitiche. In : ANNA, Giaufret; MICAELA, Rossi (dir.). *La terminologia delle energie rinnovabili tra testi e repertori: variazione, standardizzazione, armonizzazione*. Genova : Genova University Press, 2012. p. 117-138.
- PLANTIN, C. *Les bonnes raisons des émotions*. Principes et méthode pour l'étude du discours émotionné. Berne : Peter Lang, 2011.

RABATEL, A. L'effacement énonciatif dans les discours rapportés et ses effets pragmatiques. *Langages*, v. 156, p. 3-17, 2004.

REBOUL-TOURE, S. *Écrire la vulgarisation scientifique aujourd'hui*. Colloque Sciences, Médias et Société, Lyon, ENS-LSH, 2004. Disponível em : [http://sciences-medias.ens-lsh.fr/article.php3?id\\_article=65](http://sciences-medias.ens-lsh.fr/article.php3?id_article=65). Acesso em : 21 nov. 2022.

ZANOLA, M. T. Energie tradizionali e rinnovabili : pro-poste di interventi terminologici. *AIDAInformazioni*, v. 26, p. 113-128, 2008.

ZANOLA, M. T. La terminologie des énergies renouve-lables entre communication institutionnelle et savoirs spécialisées. *Dialogos*, v. 22, p. 83-99, 2010.

### **Como citar este trabalho:**

VICARI, Stefano. Linguística popular, socioterminologia, autoridade: o caso dos fóruns de energia renovável. Tradução de Livia Maria Falconi Pires e Pâmela da Silva Rosin. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 82-104, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em "dia/mês/ano". <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v15i2.17075>.